



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS.**

CLAUDIANA FORO DIAS

A mandioca (maninhot esculente crantz) como alimento essencial na vida dos quilombolas da comunidade centro-ouro (Território Quilombola de Jambuaçu), Município de Moju, Pará.

ABAETETUBA-PA

2021

CLAUDIANA FORO DIAS

A mandioca (maninhot esculente crantz) como alimento essencial na vida dos quilombolas da comunidade centro-ouro (Território Quilombola de Jambuaçu), Município de Moju, Pará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para obtenção do título de licenciatura plena em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Sociais e Humanas, sob orientação da Prof^a Dra. Eliana Teles Rodrigues

Data da Defesa: _____

Resultado: _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Teles Rodrigues
Orientadora
Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus de Abaetetuba

Profa. Dra. Luíza de Lima Mastop
Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus de Abaetetuba

Prof. Dr. Livio Sergio Dias Claudino

ABAETETUBA-PA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- D541m Dias, Claudiana Foro.
A mandioca (maninhot esculente crantz) como alimento
essencial na vida dos quilombolas da comunidade centro-ouro
(Território Quilombola de Jambuaçu), Município de Moju, Pará. /
Claudiana Foro Dias. — 2021.
28 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana Teles Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Educação do Campo, Abaetetuba, 2021.
1. Étnicidade. Quilombolas. Alterações Alimentares.
Território. I. Título.

CDD 215.72

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se estudar as alterações na dieta alimentar, as quais afetaram o modo de vida na Comunidade de Bom Jesus do Centro Ouro, localizada no Território Quilombola de Jambuaçu, município de Moju, Pará. Assim teve como objetivo geral, analisar as alterações na dieta alimentar provocadas pela introdução de grandes empreendimentos no entorno do território quilombola, o que afetou diretamente o modo de vida e o meio ecológico. Para desenvolver o objetivo da pesquisa foi realizado levantamento da literatura relacionada a temática e pesquisa de campo na comunidade mencionada, com seleção de dez unidades familiares para a aplicação de questionários abertos semiestruturados. Os dados permitiram visualizar aspectos étnicos de relação com o território, sobre as formas de trabalho em roçados e de seus manejos, que também estão entrelaçadas pelas alterações alimentares ocorridas nos últimos anos. As modificações alimentares são percebidas pelos entrevistados, a partir das suas falas, que indicam variedades de cultivos e espécies de peixes que atualmente não se encontram em sua alimentação. O desaparecimento de peixes foi apontado como motivo dessa ausência e as variedades de manivas cultivadas antes diversificadas, hoje são mais restritas a duas, sendo a amarelona e pretinha.

Palavras-chave: Étnicidade. Quilombolas. Alterações Alimentares. Território.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. O TRABALHO DE CAMPO E A METODOLOGIA DA PESQUISA	6
2.1 Sobre a escolha da comunidade	7
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 Cultivar a terra: uma questão identitária	10
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
4.1 Manejo e uso dos recursos no território Antes e Hoje	12
4.2 Mapeamento de variedades cultivadas ao longo dos anos na comunidade	17
4.3 Mudanças na alimentação	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS:	25
APÊNDICE	27

1. INTRODUÇÃO

A região do baixo Tocantins, no nordeste paraense, em sua área camponesa, vem ao longo do tempo sofrendo modificações, em sua maioria alterações antrópicas, com a chegada do agronegócio e sua instalação, principalmente com a implantação do cultivo da palmeira do dendê (*Elaeis Guinenses*), o que altera os modos de vida das populações camponesas que passam a dividir seus territórios com as grandes empresas desse monocultivo.

O município de Moju, pertencente à região do baixo Tocantins, deparou-se com a introdução das grandes empresas, principalmente com dendeicultura em seu território desde o início de 1980, o que ocasionou a modificação da paisagem e modos de vida das comunidades tradicionais pertencentes ao município. Porém, o camponês do município de Moju tem historicamente sua renda pautada na agricultura familiar, sobretudo no cultivo de mandioca, para a produção de farinha, que é uma das principais fontes de renda, em que parte da produção se destina para o consumo familiar ou troca e o restante para a comercialização. Além disso, grande parte das terras tradicionalmente ocupadas nesse município compõe povos e comunidades tradicionais, tais como ribeirinhos, quilombolas, indígenas, que historicamente estabeleceram grande relação com a terra, principalmente no que se refere no manejo dos recursos naturais.

A agricultura praticada por estes sujeitos tem por finalidade a alimentação do núcleo familiar, troca e comercialização de seus produtos. No território quilombola de Jambuaçu, localizado no município de Moju, está é também uma prática comum. No entanto, esses quilombolas têm historicamente vivenciado lutas e disputas relacionadas aos seus recursos naturais.

O território atualmente é formado por quinze comunidades autodeclaradas e reconhecidas pela Fundação Palmares como Quilombolas; desde o início da década de 1980, passou a conviver com a introdução de empresas de agronegócio, o que ocasionou uma mudança drástica em seu modo de vida. Tal situação afetou o manejo de seus recursos naturais, bem como sua qualidade de vida. Segundo Carvalho, Nascimento e Nahum (2014), sobre o projeto de dendeicultura apresentando pelo Estado, inclusive ao território quilombola de Jambuaçu, teria sido apresentada como a única política capaz de promover “emprego, renda e inclusão social”. Com base nesse slogan, o lugar passou a receber “ordens de fora” e assim as relações estabelecidas entre os camponeses e a terra ganharam outro sentido, “metamorfosando seu modo de vida, de lugar historicamente estruturado sobre um gênero de vida camponês tradicional” (CARVALHO; NASCIMENTO; NAHUM, 2014, p. 07).

Este trabalho faz parte de uma proposta de estudo surgida após a observação e reflexão a respeito dos saberes referentes ao cultivo de mandioca (*Manihot Esculente Crantz*) na comunidade Bom Jesus do Centro-Ouro, localizada no território quilombola de Jambuaçu, município de Moju, Estado do Pará. A proposta mencionada anteriormente foi realizada no âmbito do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/2017. Naquele trabalho de pesquisa, foi realizada uma etnografia, na qual foi possível fazer observações acerca das práticas de cultivo de mandioca e elaborar um diagnóstico socioambiental daquela comunidade dentro do território, destacando-se como um problema situacional a questão alimentar.

Esta nova proposta deu continuidade à pesquisa inicial e apresenta como objetivo geral analisar as alterações na dieta alimentar provocadas pela introdução de grandes empreendimentos no entorno do território quilombola, o que afetou diretamente o modo de vida e o meio ecológico na comunidade Bom Jesus do Centro Ouro. Para dar conta dessa tarefa, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (a) mapear os recursos cultivados nas roças e tamanho destas; (b) investigar como os recursos foram utilizados antes e hoje pelos comunitários; (c) cruzar os dados obtidos no mapeamento com aqueles obtidos na literatura, para explicar a mudança e efeitos na dieta alimentar.

O trabalho está dividido nos seguintes tópicos: após esta breve introdução, será explicado o processo metodológico que alicerçou a pesquisa. A sessão seguinte recupera alguns autores da literatura sobre a temática da pesquisa, o próximo tópico tratará dos resultados obtidos e analisados, passando em seguida às considerações finais.

2. O TRABALHO DE CAMPO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa se deu a partir de um estudo etnográfico desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/2017 sob orientação da professora dra. Eliana Teles Rodrigues, com o qual foi possível realizar pesquisa de campo na comunidade quilombola Bom Jesus do Centro Ouro, entre os anos de 2017 e 2018. Sendo membro da comunidade onde vivi a vida toda, aquela foi a primeira vez que me aproximei no sentido de buscar compreender a lógica de práticas que meus familiares realizavam no cultivo da terra. Foi também minha iniciação no âmbito de pesquisa acadêmica. Para aquela pesquisa realizei questionário que se baseou em perguntas relacionadas ao plano de trabalho, que girou entorno de mudanças climáticas, as categorias êmicas da comunidade, tamanhos de roças, idas nas roças dos quilombolas e suas trocas de semente, as manivas.

Ao finalizar a pesquisa mencionada, permaneceu o interesse em dar continuidade a este estudo, e assim veio a tornar-se o objeto do meu Trabalho de Conclusão no Curso de Licenciatura em Educação do Campo. A investigação realizou-se sob natureza qualitativa, com questionários abertos semiestruturados e observação participante. Em pesquisa dessa natureza, o pesquisador, como afirma Andrade (1999, p.130), “deve ouvir mais do que falar, procurar não interromper o entrevistado, aguardando-o em suas hesitações e incentivando, discretamente, a complementação das pessoas”.

2.1 Sobre a escolha da comunidade

A escolha por esta comunidade não se deu por acaso, pois como mencionado anteriormente, sou membro dela desde que nasci. Isto me favoreceu realizar a “observação participante”, que James Clifford (2002, p. 33) define como “uma dialética entre experiência e interpretação”. Essa tarefa desafiadora, a qual requer um envolvimento emocional com o lugar, favorece estudos de casos concretos, por meio de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989).

Estar atenta e buscar ser cuidadosa ao ouvir os entrevistados foi essencial; suas falas no começo das entrevistas eram contidas e respondiam de forma mais direta; mas, ao logo do diálogo, falaram para além dos questionários, fizeram complementações e em diversas vezes se remetiam ao passado, a sua infância, acontecimentos e características do antes e de hoje. A escuta possibilitou compreender a forma como os entrevistados visualizam o passado e o presente em seu território.

Essas atividades de pesquisa se deram ao longo do ano de 2019 até o início de 2020. Desta feita com questionários que pontuavam a alimentação das unidades familiares, suas respectivas produções, variedades de espécies presentes em seu cotidiano. No início do ano de 2020, foram paralisadas atividades de diversos setores, e a pesquisa de campo foi uma delas, em virtude da pandemia mundial da COVID-19, que por medidas de segurança obrigou a todos cumprir com o distanciamento social.

Dentre as quinze comunidades pertencentes ao território quilombola de Jambuaçu, Bom Jesus do Centro Ouro foi a primeira a ser titulada. A comunidade possui sua renda pautada na agricultura familiar, tendo o cultivo de mandioca (*Manihot Esculente*) para produção de farinha como fator prioritário, que abastece o consumo familiar e ainda incrementa a economia doméstica.

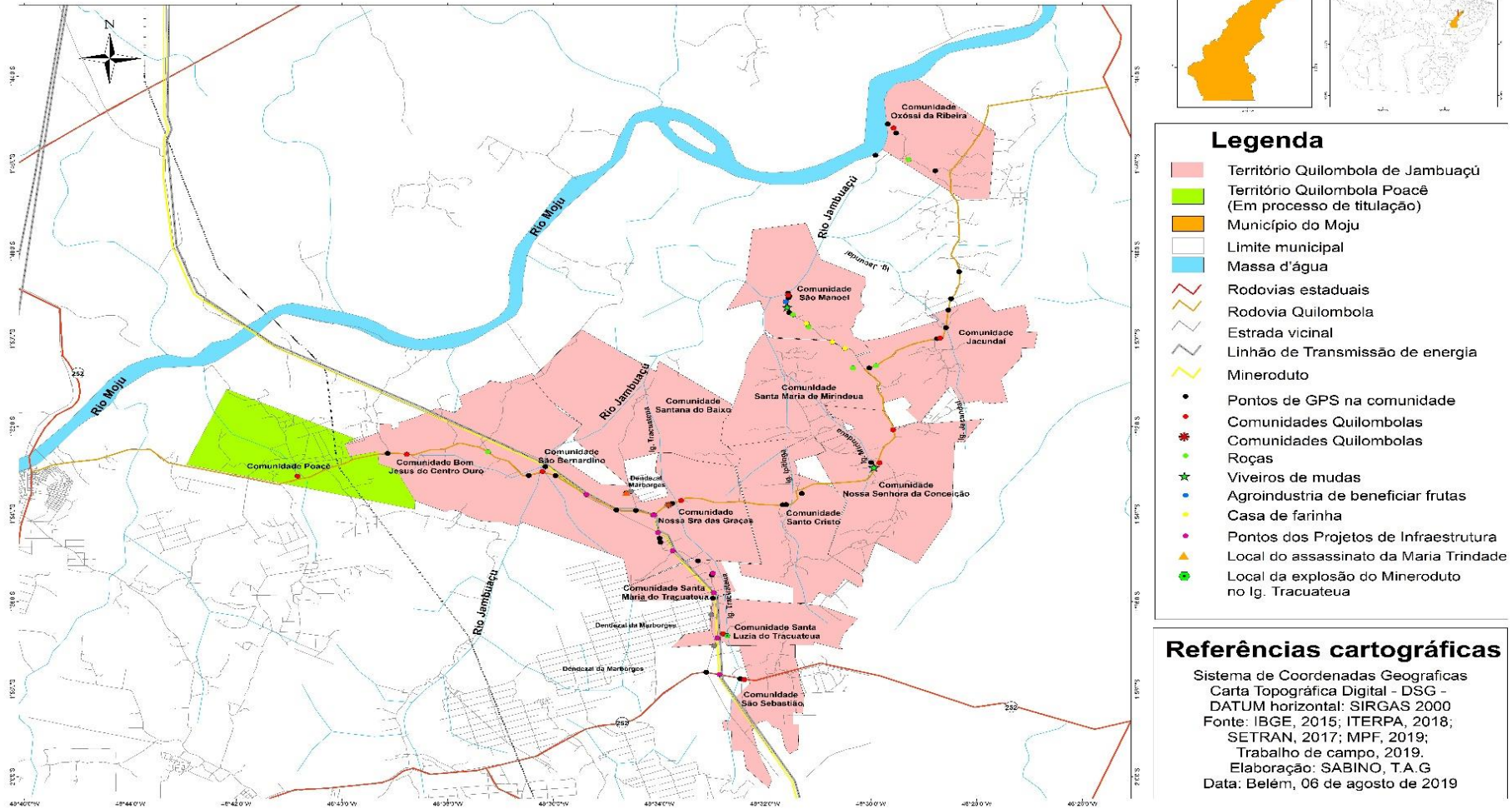
Foram selecionadas para compor os sujeitos da pesquisa 10 unidades familiares com seus respectivos representantes. Nessas unidades, os membros somam em média 5,7 moradores. Foram selecionados como representantes pessoas com idade acima de 40 anos, pois estes têm mais tempo de contato e conhecimento das variedades das manivas. As unidades compreendem a moradia, o quintal e o roçado. Para compreender o sistema de troca de variedades de mandioca foi estabelecido o seguinte critério: tempo de atividade no cultivo, cultivadores com roça, cultivadores sem roça, que trabalham na roça de terceiros.

A unidade de área estabelecida seguiu o critério dos entrevistados, os quais utilizam a *tarefa* como medida básica. Uma tarefa corresponde à área de 50x100 metros. Foram ainda mapeados nesse território, os demais recursos naturais com os quais os quilombolas têm estabelecido relação na sua forma de manejo.

A figura abaixo (Figura 1) identifica as 15 comunidades que compõem o território quilombola de Jambuaçu.

Figura 1: Localização da área de pesquisa.

Mapa do Território Quilombola de Jambuaçu e os efeitos dos Grandes Projetos



Fonte: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, 2019.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Cultivar a terra: uma questão identitária

Os saberes tradicionais quilombolas são ricos em conhecimentos relacionados à natureza e à cultura, e são preservados de geração em geração nas comunidades. No que se refere ao cultivo de mandioca no quilombo desde a chamada derruba, cultivo do solo, colheita e fabricação de farinha nos retiros, são praticados pelos antepassados e de fundamental importância para os comunitários que têm seu modo de vida bem como de cultura pautados nessa prática que perdura durante as gerações.

Segundo Neto (2016), pelo fato das comunidades possuírem uma dependência da natureza para manter sua subsistência, estas passam a estabelecer uma relação íntima com o meio ambiente, passando assim a possuir uma vasta gama de conhecimentos, de seu uso, de diversas formas de manejo, utilizando os recursos naturais de maneira sustentável, haja vista que a sobrevivência de seus integrantes depende desta relação.

Para Diegues et al (2000), as populações tradicionais não apenas vivem ao lado ou em meio à biodiversidade, e sim possuem e estabelecem relações com o meio em que vivem e seus recursos; desenvolvem formas de se relacionar, nomeando e classificando as espécies presentes no território, de acordo com suas características.

É em seus territórios que comunidades quilombolas desenvolvem suas práticas de manejos, relação com trabalho e cultura. E quando se menciona cultura, esta tem um amplo leque de conhecimentos traçados, os quais consideram as relações desenvolvidas em comunidades quilombolas, tradicionais e indígenas e outros grupos étnicos.

O lugar onde se vive, o rio, as roças e igarapés são a extensão dos indivíduos que lá moram, é a sua maneira de ser, de trabalho, de viver, de existir. Segundo Haesbaert (2007), o conceito de território está ligado ao poder, mas não apenas o que denominamos como poder político. Mas além, em um processo a um poder que envolve o simbólico e identidade.

Sobre essa questão identitária o antropólogo F. Barth (2000) destaca que ainda hoje vigora o pensamento de que o isolamento de um povo, ou espaço geográfico, resultaria a conservação ou preservação da diversidade cultural local. No entanto, a ideia de fronteiras de uma identidade étnica, porém, essas fronteiras têm mais a ver com a afirmação e consciência individual. Por exemplo, ao se afirmar para si e para o outro, em um contexto não isolado, de

uma etnia para outra, sendo que, quando um se afirma para o outro enquanto grupo, acontece o processo de etnicidade.

A relação dos grupos com os recursos também envolve ao fator identitário e à cultura. Segundo Lima (2015), as roças se põem como uma reserva de território, o que não é negociável. Isso representa uma forma de resistência, cultura e economia, que povos indígenas e quilombolas que possuem esta relação, não devem abrir mão. A roça não está presa ou limitada a um espaço físico, sua prática e continuidade compõem a comunidade, que também representa a autoafirmação de um povo.

Os processos que envolvem as roças são ligados a uma gama de conhecimentos específicos de um grupo étnico de um território, a forma de derrubada, queima, cultivos e tempos em que ocorrem têm características culturais daquele povo. Porém, não significa que não pode haver modificações nessas práticas, os grupos vão alterando seus modos de plantar e colher de acordo com suas necessidades e mudanças que percebem em seu território.

As práticas que são culturais, como o cultivo, não são presas ou paralisadas ao tempo, elas se alteram, são dinâmicas. Aos grupos étnicos não cabe a ideia de algo que parou em certo ponto de um tempo histórico. Os sujeitos seguem um fluxo e vão se reinventando, e os territórios onde há essa relação com o outro também vão se refazendo.

De acordo com cada território e grupos, suas práticas e cultivos se manifestam de determinadas formas. A farinha de mandioca produzida por populações tradicionais possui características próprias em cada local: antes de se obter a farinha, houve passos exercidos, do cultivo, corte, coivara, escolha do cultivo, tamanho da roça; cada aspecto não é realizado meramente por acaso, e sim por um conhecimento étnico, que o grupo de uma determinada etnia, localizado em um território específico, pratica, e tais práticas são próprias daquelas vidas envolvidas.

Uma forma preponderante de propagação da mandioca é feita através do corte de pedaços do caule que são utilizados para o replantio. Essas hastes são classificadas, selecionadas, experimentadas e circulam em redes sociais que envolvem desde núcleos familiares até comunidades geograficamente distantes. Por essa dinâmica, as manivas são consideradas elementos centrais na estruturação dos sistemas agrícolas de diversos povos e comunidades tradicionais por uma série de razões: pela sua resistência a diferentes condições do clima e do solo, pela sua diversidade, pela variedade de produtos que elas geram e pelo valor sociocultural atribuído pelas populações que fazem seu manejo (OLIVEIRA, 2017, p. 03).

Para Lima et al (2012), a diversidade das manivas presentes nos roçados é passível de ser documentada de diversas formas. Uma delas é do ponto de vista do número de

variedades cultivadas pelo agricultor e comparar as variedades, ou seja, a diversidade existente em diversas comunidades.

É possível se identificar neste contexto o papel dos alimentos, ou melhor, a autonomia dos grupos familiares sobre seus alimentos anteriormente à introdução dos grandes empreendimentos e a forma como cercaram as unidades familiares do território quilombola de Jambuaçu. Ao se afirmar que historicamente a base econômica dos quilombolas deste território é pautada na agricultura familiar, como um aspecto forte e principal ao cultivo de mandioca, mas não o único cultivo, se esbarra diretamente na alimentação deste grupo étnico, haja vista que, ao pensar na agricultura familiar, estamos falando dos alimentos produzidos.

A chegada dos grandes empreendimentos no território de Jambuaçu, alterando a relação dos grupos familiares com a terra, a introdução do dendê na cultura e no ambiente, traz consigo uma série de equipamentos, composições e grupos humanos que não possuem o sentimento de pertence pelo local, o que vai alterando de forma continuada as características do território, e um fator a se pensar é de que forma as modificações trazidas junto com os grandes empreendimentos alteraram a alimentação dos grupos humanos que lá residem, como estes alimentos são afetados.

A alimentação não é somente um processo biológico para a sobrevivência humana, sobre o aspecto de nutrir o indivíduo, mas também um processo simbólico, relacionado a fatores históricos, aspectos culturais e laços de partilha familiar dos indivíduos. Segundo Carvalho e Luz (2011), ao comer se traz a partir dos alimentos uma gama de significados e trocas no momento das partilhas que expressam a relação cotidiana de um grupo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Manejo e uso dos recursos no território Antes e Hoje

Segundo os dados levantados, as dez unidades familiares envolvidas na pesquisa cultivam tarefas de roças, que atualmente variam de uma tarefa e meia a duas tarefas por família. Nessas tarefas, são cultivadas diferentes variedades de mandiocas, em apenas uma o milho e arroz também estão presentes. Parte da farinha de mandioca que a unidade produz é consumida por toda a família; a outra parte é vendida na cidade de Moju, o que vem auferir renda principal dessas unidades.

A extensão do território que está na comunidade Bom Jesus do Centro Ouro é cortada por igarapés afluentes do rio Jambuaçu, nomeados pelos moradores desde sua ancestralidade. Os caminhos que levam aos igarapés e as roças foram traçados por eles. A memória desses entrevistados os relaciona com esses caminhos desde a sua infância. Quando questionados sobre sua relação com o trabalho da agricultura, detalham um processo de conhecimento aprendido desde a infância, ao observar e ajudar seus pais. As relações com os recursos naturais e a alimentação seguiam esse processo, que se iniciavam desde o deslocamento às roças até a chegada dos alimentos em sua mesa.

Fazia três tarefas, quatro, plantava mandioca, milho, ai usava o milho também pra criar as galinha, uns 8 anos comecei a trabalhar com a minha mãe, ia com ela pra lá, já ajudava ela, com tempo já tinha minha roça, sabia tudo como era já. (Quilombola P.C.R, 88 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

O uso dos recursos naturais vai desde a abertura do caminho até a elaboração da roça. Para fazer o roçado, derruba-se a mata, em seguida ateia-se o fogo, cujo resultado é a coivara. Na coivara, juntam-se os galhos que restaram da primeira queima, ateando-se novamente fogo para terminar de queimá-los. Seguidamente, passa-se para a plantação. Primeiro planta-se a maniva; após três ou quatro meses, faz-se a capina. Depois da capina, aguarda-se um ano para colheita.

Todo esse processo acompanha o calendário das chuvas. Além disso, no ato de plantar, se estabelece o intercâmbio das variedades, pois a escolha da maniva a ser cultivada acompanha a troca que se dá entre parentes, vizinhos e conhecidos, bem como o conhecimento que cada um possui sobre determinada variedade. Com isso demonstram que as roças e o tipo de cultivo que realizam constituem-lhes enquanto grupo que pratica esses conhecimentos, cuja finalidade primordial na vida humana é a alimentação, mas os constitui também como um grupo étnico.

Os recursos naturais que estão intimamente relacionados a esse grupo étnico constituem também sua forma de trabalho, a qual está cercada de conhecimentos e etapas conhecidas e apreendidas pelo grupo, e este pratica uma agricultura no território em que vive. Esta atividade gera a mais importante fonte de vida, que são os alimentos, cujos nutrientes contribuem para a reprodução humana e social. Neste caso, o alimento não está posto apenas como o que nutre o biológico do indivíduo, mas enquanto grupo étnico, os alimentos representam os conhecimentos, um modo de vida, de trabalho, uma organização familiar e social, e o ato de cultura, do cultivar no território, (CANESQUI e GARCIA, 2005).

Segundo Canesqui e Garcia (2005), ao se alimentar, não estão sendo ingeridos apenas nutrientes que são essenciais para a manutenção e funcionamento do corpo humano, vai para além, envolve a escolha, rituais, simbolismo, sociabilidades, datas específicas de um determinado grupo comer determinado tipo de alimento, tudo isso representa uma matéria cultural. Na Comunidade Bom Jesus do Centro Ouro, em datas comemorativas, que fazem parte de seu modo de vida, em festividades de santos, são preparadas galinhas criadas no quintal para partilha, são ainda colocadas como prêmios em bingos, os porcos criados por alguns moradores também são assim utilizados em datas festivas.

Para entender as mudanças na comunidade, foram estabelecidos como critérios o Antes e o Hoje. Assim foi questionado como se dava o consumo da farinha, milho, arroz entre outros suprimentos alimentares advindos da agricultura familiar no território, antes, em sua infância e como se dá atualmente. Os entrevistados pontuaram a forma como o trabalho era exercido, a menção, a fazer caminhos para as roças com *terçados*. O uso do igarapé, para a venda da farinha, pois não havia caminho aberto ou ramal até a cidade. Para suprir a dieta alimentar, o consumo de caças era predominante: *viado, paca, tatu, cutia e, jabuti, preguiça*, assim como a de peixes dos igarapés; além da farinha de mandioca, presença constante na mesa, o arroz e milho também compunham a dieta básica e eram cultivados nos roçados.

A alimentação advinda da caça era comum e predominante entre os grupos familiares, que conseguiam se alimentar de especiais caçadas em seu próprio território, e que eram preparadas de acordo com seus conhecimentos culinários tradicionais. Essa caça, hoje, se apresenta na prática das famílias, porém não com a mesma intensidade que antes. Uma das entrevistas expõe tal situação:

Antes eles iam procurar tatu, jaboti, paca, agora não vão quase, não fazem questão, quer a comida que a gente compra na cidade, e tem também ali no vizinho que vende, os zinhos daqui não podem ver uma besteira, só a preguiça que quando acha ela aí prepara eles gostam. (QUILOMBOLA M.M.Q, 54 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

O Arroz, milho e café, presente na mesa dos quilombolas estavam desde sua primeira refeição ao amanhecer. Logo cedo, antes de ir para suas roças, uma das refeições era o mingau de arroz o de milho, assim como o café proveniente das árvores de café do próprio território. O café, por sua vez, era colhido em suas roças, torrado e moído no pilão, em contraponto a esses relatos que faziam menção ao passado.

Apenas uma família afirmou ainda ter essa prática de cultivar milho e arroz, porém estes não estão mais na primeira refeição, e sim no almoço e jantar; pela manhã foram

apontados como alimentos mais consumidos, atualmente, os de origem industrializada, como: *bolachas, margarina, leite e café industrializado*. Um dos entrevistados relatou que percebeu o desaparecimento de uma espécie de peixe, nomeada e classificada pela comunidade local como *arracapuri*, e que relaciona com a secagem da cabeceira do igarapé.

Sabe que agora que você perguntou isso, me lembrei que tor dia tava falando pro menino dali de cima que faz tempo que não peguei mais aqueles arracapurie eu gostava, tinha muito, acho que acabo [...]olhe lhe dizer, a partir que abriu ai o ramal grande, foi secando a cabeceira do garapé, desde ai então. (QUILOMBOLA S.R, 64 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020)..

A espécie citada fazia parte da culinária alimentar local, assim como a produção de milho e arroz de forma a fazer parte do calendário agrícola. Mas, com o passar dos anos, acabou se modificando, segundo os moradores, pela abertura e mais acesso que a rodovia deu para o deslocamento para a cidade, e também por no território como o todo ter um número considerável de moradores que trabalham com nos grandes empreendimentos de dendê, alterando assim as formas de trabalho, renda e consequentemente na alimentação.

Os grandes empreendimentos citados neste trabalho estão dentro do território, são grandes empresas de monocultivo. A chegada dessa espécie de produção altera e, consequentemente, afeta a vida dos grupos que vivem no território, pois os conhecimentos, modos de vida, formas de trabalho, cultivo e alimento são o existir no território.

Em entrevista, 6 moradores da comunidade apontaram e fizeram uma relação em suas falas com o desaparecimento de algumas espécies de peixes a partir da abertura da rodovia a cerca de 27 anos atrás, pois os igarapés na proximidade da rodovia modificaram em cor e tamanho, o que para eles foi bem perceptível, pois vivenciaram os dois períodos: o antes e depois, com a abertura para acesso à cidade.

Agora é difícil pescar, não tem mais peixe né, não dá, meu zinho sempre vai, chega, perto o que ele pegou? Nada! Não tem mais peixe, mas de primeiro tinha. (QUILOMBOLA M.D, 43 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

A alimentação antigamente tinha a presença de peixes antes abundantes nos igarapés do território, os quais passam a estar presentes em relatos dos entrevistados, que ao perguntar sobre o uso atual e o uso referente ao passado do igarapé, trazem o relato do uso apenas para banho e tentativas de pescas. Os moradores mais antigos da comunidade conseguem lembrar os nomes dos peixes que chegaram a ter como alimento, já a geração atual se mostra sem todo este saber, posto que passou a não ter esse peixe na culinária alimentar.

Quadro 1: Espécies de peixes apontadas por entrevistados, que desapareceram da dieta alimentar

Nº	Espécies mencionadas pelos entrevistados	Nome científico
1º	Jacundá	<i>Crenicichla</i>
2º	Arracapuri	<i>Não encontrado</i>
3º	Acará	<i>Pterophyllum</i>
4º	Aracú	<i>Não encontrado</i>
5º	piracucú	<i>Arapaima gigas</i>
6º	Oieua	<i>Não encontrado</i>
7º	Piranha	<i>Pygocentrusnattereri</i>

Fonte: Pesquisa de campo 2020.

Os entrevistados destacaram o risco dos esgotamentos dos igarapés existentes, como relataram sobre as alterações que perceberam ao longo dos anos, sendo que estas acompanham também algumas modificações relacionadas aos grandes empreendimentos no território. Para Almeida (2008), a territorialização é um ponto de identificação, que dá aos grupos mais força e defesa.

Segundo Almeida e Marin (2010), o crescimento contemporâneo do agronegócio apresenta argumentos sobre o fato de que o setor vai se expandir e ocupar cerca de 250 milhões de hectares, o que corresponde a quase 30% da superfície brasileira. Sob esse olhar, os povos tradicionais – como indígenas, quilombolas e demais grupos pertencentes aos territórios tradicionais – são um problema para a implementação do agronegócio.

Um dos representantes das unidades familiares relatou que a Ferrovia Paraense - FEPASA iria passar entre a casa dele e a de seu irmão, passando também pelo igarapé, destruído assim sua casa, sua família e tudo que conseguiram construir ao longo dos anos, além de acabar com o igarapé utilizado por toda a comunidade.

Olhe graças a Deus, pararam de falar nesse ferrovia, você ouviu falar né, que ia passar aqui, ia pegar passando de lá do centro, pegar o garapé e ia da entre nos aqui, aqui minha casa e do meu irmão, ia passar entre as duas, eu fiquei assustado, porque assim a vida toda aqui, não nessa casa, mas aqui pra essas bandas, ai difícil, teve gente pensando em emprego, mas acho meio difícil eu vi dona, pergunta pro seu, ele vai lhe falar tudo que nos passamo aqui, quando veio a firma, mas morreu muita gente, só achava gente morta (QUILOMBOLA S.R, 64 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

O entrevistado faz a referência a um acontecimento passado no território, na década de 1980, que foi cercado de conflitos entre os quilombolas do território de Jambuaçu e a empresa que era chamada de REASA. O privado adentrou na localidade, o que ocasionou muita resistência por parte dos moradores, que não queriam perder seus recursos naturais, que

representavam e representam até hoje o seu modo de vida, o seu existir enquanto grupo étnico, enquanto pessoas.

4.2 Mapeamento de variedades cultivadas ao longo dos anos na comunidade

Foi perguntado aos entrevistados sobre as variedades de mandioca cultivadas nos últimos anos, e se havia alguma que atualmente utilizavam com mais frequência em suas roças. Foi possível mapear seis variedades dentre as mais utilizadas. A mais citada foi a *Marajó*, cuja memória remete-lhes à infância, quando iam para a roça ajudar seus pais no cultivo. No quadro abaixo, verifica-se pela ordem do número de vezes que as variedades foram mencionadas.

Quadro 2: Ordem de categorias étnicas cultivadas, nos últimos 40 anos.

Nº	Variedades de Mandiocas
1º	Marajó
2º	Seis meses
3º	Mariquita
4º	Pretinha
5º	Pretinha da Amazônia
6º	Amarelona

Fonte: Pesquisa de campo 2018-2019

Da primeira até a última colocada, têm-se variedades que foram utilizadas, manipuladas, ao longo da vida desses agricultores. Todavia, a *amarelona*, antes menos cultivada, atualmente é a mais utilizada, por apresentar maior rendimento e também por sua qualidade. Isto diz respeito ao sabor e a torração, além disso, mencionaram o fato dela ser “farinha enxuta”, cujo aspecto da cor, a deixa mais atraente para a venda.

Eles também nomeiam essas variedades conforme a cor e a textura, como se vê no quadro abaixo.

Quadro 3: Descrição das variedades

Nº	Variedades de Mandiocas	Cor da Maniva	Cor da Casca	Cor da Massa	Farinha
----	-------------------------	---------------	--------------	--------------	---------

1°	<i>Marajó</i>	<i>Marrom escuro</i>	<i>Preta</i>	<i>Branca</i>	<i>Branca</i>
2°	<i>Seis meses</i>	<i>preta</i>	<i>preta</i>	<i>branca</i>	<i>Branca</i>
3°	<i>Mariquita</i>	<i>Preta</i>	<i>Preta</i>	<i>Branca</i>	<i>Branca</i>
4°	<i>Pretinha</i>	<i>Preta</i>	<i>Preta</i>	<i>Branca</i>	<i>Branca</i>
5°	<i>Pretinha da Amazônia</i>	<i>Preta (porém um tom mais claro)</i>	<i>Preta</i>	<i>Branca</i>	<i>Branca</i>
6°	<i>Amarelona</i>	<i>Marrom claro</i>	<i>Tom amarelado</i>	<i>Um tom que varia de braço a amarelo</i>	<i>Amarela</i>

Fonte: Pesquisa de campo 2018-2019

Segundo Posey (2000), nomear e classificar as variedades que cultivam em suas roças remete a um conhecimento de dar nome, categorias êmicas, de acordo com as características observadas no cotidiano. Os entrevistados conseguem perceber, a partir de sua prática, o processo de cultivo. Como antes mencionado, essa prática tem início ainda na infância, ao acompanharem seus pais, e também no processo de troca de conhecimento sobre esse cultivo com seus familiares.

Os entrevistados apontam uma transformação no uso dos cultivos utilizados na roça, em que determinada variedade de mandioca, se não está produtiva, é substituída por outra. Desse modo, algumas vão deixando de ser cultivadas por motivos como: os danos ambientais, onde os agricultores percebem que determinada variedade não está sendo produtiva naquele momento e assim vão substituindo até encontrar a que seja mais favorável. Como se expressa nesse relato:

De primeiro a gente fazia roça no Centro Ouro e não apodrecia a mandioca, agora, apodrece; a enchente, enche, agora acontece [...] acho que tá dos vinte anos que dá pra perceber (QUILOMBOLA E.M.C.L, 40 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

Esse processo não só remete a uma situação de resiliência, mas de resistência dos agricultores, pois o cultivo de mandioca é alimento básico de todas as famílias do território. Assim não se trata somente de venda, mas da alimentação do grupo familiar, então, em seus conhecimentos vão explorando essa diversidade de variedades e espécies presentes em seu território. Logo, os danos ambientais, alterações climáticas e demais problemáticas que atingem as plantações dos agricultores não estão acontecendo de forma que o mesmo passe apenas como um telespectador dos acontecimentos, e sim como um ser de resistência, o qual utiliza dos seus conhecimentos e se utilizando das variedades de mandioca para continuar seu cultivo.

Senti que agora tá muito quente, olha, uma tal de amarelona que todo mundo tem, antes era várias marcas, mariquita, pretinha, só o papai que não muda a dele, se ele não plantar ele, a pretinha é a dele, porque pode deixar ela de molho que não apodrece com facilidade, e essa outra não três quatro dia já tá aguando, ai ele não deixa todo tempo ele planta, quando eu comecei era pretinha e mariquita (QUILOMBOLA M.D, 43 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

As figuras a seguir foram colhidas a partir da pesquisa e campo nas roças das unidades familiares da comunidade quilombola Centro Ouro, entre 2018 e 2020. Elas mostram a presença das duas variedades de mandioca mais encontradas nas roças dos agricultores de Centro Ouro, atualmente. A imagem da variedade *pretinha* (Figura 2), mencionada pelos entrevistados, constitui a mais resistente às intempéries e ação do tempo, é considerada resistente a água quando colocada “de molho”.

Figura 2: Maniva e raiz da variedade *Pretinha*.



Fonte: Pesquisa de campo 2018

As próximas figuras (3 e 4) mostram a *amarelona*, mais cultivada atualmente, por ter sabor e rendimento melhor que outras variedades.

Figura 3: Maniva *Amarelona*

Fonte: Pesquisa de campo 2020

Figura 4: Raiz da mandioca *Amarelona*

Fonte: Pesquisa de campo 2020

Na figura abaixo (Figura 5), representa-se o esquema por meio do qual o agricultor pede para seu vizinho retirar as mudas da maniva da variedade que deseja cultivar em sua tarefa de roça, fazendo assim as trocas dessa semente ou mudas. É realizado o corte na maniva, em seguida mais cortes em pedaços menores, para poder plantar. A maniva presente na figura é a *amarelona*. E esse processo de troca aumenta a diversidade das variedades presentes nas roças dos sujeitos da pesquisa, uma vez que familiares e vizinhos trocam mudas.

Figura 5: Processo de manejo da maniva



Fonte: Pesquisa de campo 2020.

Esse sistema de troca sempre existiu na comunidade, pois a variedade que tiver melhor rendimento, qualidade, assim como o nível de conhecimento sobre tal variedade, que a unidade retém, faz com que a família próxima também opte por cultivá-la. Segundo Lima et al (2012), quando os agricultores ficam sem nativas para a roça, a fonte de “sementes” é seus vizinhos e parentes pertencentes à comunidade ou demais comunidades.

4.3 Mudanças na alimentação

Em todas as entrevistas realizadas com as unidades familiares, que totalizaram dez famílias, todos foram questionados sobre a alimentação que tinham em suas recordações de quando crianças, todos fizeram um processo de relação entre alimentação e o trabalho, sendo que os alimentos e receitas culinárias degustadas em sua infância ou juventude estavam relacionados ao caminho da roça. Desde a primeira alimentação do dia, para ir para o trabalho, até a última refeição do dia, todas possuíam relação com o que cultivavam ou caçavam.

Quadro 4: Práticas alimentares apontadas pelos entrevistados, através de lembranças e relatos.

Hora da Refeição	Culinária
Antes de ir para roça (pela manhã)	Mingau de Arroz
Antes de ir para roça (pela manhã)	Mingau de Milho
Almoço ou Jantar	Panelada
Lanche	Beju Chica;
Almoço ou Jantar	Beju Pé de Preto
Almoço ou Jantar	Caça
Almoço ou Jantar	Munjica

Fonte: Pesquisa de campo 2018-2019

Quadro 5: Práticas alimentares apontadas pelos entrevistados atualmente.

Hora da Refeição	Culinária
Antes de ir para roça (pela manhã)	Café, bolachas, pães
Almoço ou Jantar	Arroz e feijão comprados em supermercados na cidade, macarrão, carne vermelha, galinhas de granja.
Lanche	Café, bolachas, frutas.

Fonte: Pesquisa de campo 2018-2019

Os alimentos no quadro acima representam uma forte relação entre trabalho e alimentação. O almoço dos grupos familiares, de acordo com relatos, era feito, a cerca de 10 anos atrás, ainda nas roças, eram levados de manhã cedo em panelas e lá mesmo era feito fogo para cozinhar ou aquecer a refeição. Segundo entrevistados, o hábito de se alimentar em seu local de trabalho, ou seja, nas roças mudou. Atualmente, todos os entrevistados retornam para casa para o almoço, os motivos citados por todos foi o aumento da temperatura – a *quentura* –, que passou a ser maior ao longo dos anos; então, antes das onze horas da manhã, retornam para casa.

(...) desde pequeno ia com a mamãe pra roça com um paneirinho na costa...olhe teve mudança principalmente no nosso lugar não tinha, essa estrada que tem agora, era só pelo caminho, no tecado, então tive uma mudança, a quentura teve mudança, porque antigamente não era quente como tá agora, a poluição também, muitos tipos de sofrimento de doenças que tem agora...de primeiro a gente fazia roça ai não apodrecia a mandioca e agora apodrece, ai enche um enchente em uma parte, ta com uns 20 anos maios os menos mudo(QUILOMBOLA S.R, 64 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

Em entrevista, foi apontada uma mudança no que diz respeito ao clima, alimentação e agricultura. Bem como o tempo de permanência nas roças, o consumo, sobretudo, de produtos comprados em supermercados, e diminuição do cultivo de milho e arroz, e o apodrecimento da mandioca.

Acho que teve mudança no tempo, porque agora esse ano não fez roça porque quando eu ia mandar roçar não tinha condição de queimar mais, esse ano não tive verão, pouquinho mesmo, se fez cinco, seis dias foi muito então, então tive uma mudança, sempre tem, de um ano pra outro, a gente percebe essa mudança que acontece, olhe nós tivemos um anos que nos perdemos roça, por causa dessa

mudança ai, então a gente perdeu, nos mesmo, faz uns dois anos atrás (QUILOMBOLA S.R, 64 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

As alterações estão presentes nas falas dos entrevistados, sejam em relação ao igarapé, peixes, hábitos alimentares, sejam na forma de trabalho nas roças por conta do clima, como a perda de roças por fatores que vão ocorrendo e não podem ser previstos. Desta forma, as unidades familiares vão se adaptando a cada ano. A observação em seus territórios sobre a chuva, quentura, inverno ou verão, é o que lhes permite tentar queimar a roça com antecedência, esse cenário está intimamente ligado à alimentação, pois a interferência e perda de uma roça prejudicam a manutenção familiar.

Os grupos humanos passam a criar formas de adaptação e estratégias para lidar com as transformações, sendo elas os eventos climáticos que alteram as dinâmicas na pesca, agricultura, pecuária e modos de vida. A agricultura, dentre as atividades humanas exercidas, é possivelmente a que tem uma relação maior com a natureza, sendo assim uma das principais a vir a sofrer com qualquer alteração ambiental, o que atinge em maior número áreas rurais, ocasionando impactos sociais e econômicos (VARGAS, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou como objetivo analisar as alterações ocorridas na dieta alimentar da comunidade quilombola Bom Jesus do Centro Ouro, e de que modo modificou seus modos de vida. Os dados colhidos através de pesquisa de campo mostraram uma alteração na produção de alimentos locais e nos costumes alimentares, como a compra de industrializados predominante na cidade, o que, segundo as entrevistas, teve relação com a abertura do ramal, a chamada Rodovia dos Quilombolas, o que modificou através da abertura o mapa os igarapés.

Houve uma grande diminuição das tarefas de roças, que atualmente são menores, e a variedade de alimentos ali cultivados é menor, como o milho e arroz que são comprados. Os grupos familiares possuem menos pessoas para o trabalho nos roçados, pois na comunidade há diversas pessoas que trabalham em empreendimentos inseridos no território, restando pouco tempo para o trabalho autônomo em suas roças.

Foi possível, por meio das entrevistas, perceber a seleção que ocorre ao cultivar uma espécie de maniva e não outra, de acordo com as características e conhecimentos empíricos; foram mapeadas as variedades de mandioca e peixes que acompanham as memórias dos

moradores mais antigos, e que fizeram parte de sua alimentação, havendo pouco dessa alimentação que ainda o fazem na atualidade. As alterações presentes foram colhidas na pesquisa e analisadas pelo prisma de como influências externas podem alterar modos de vida de um território.

Esta pesquisa permitiu pensar a cerca de um território quilombola, sob a influência da chegada do agronegócio e as mudanças na vida dos grupos familiares, após essa vinda, como seu modo de vida que, antes, acompanhava o ciclo da natureza para além da sobrevivência, havia aspectos culturais de ancestralidade que lhes cercavam; estavam diretamente ligados com o manejo e conhecimento de seus recursos naturais. Destaca-se o tempo no qual a água dos igarapés existia para além da fonte de sobrevivência biológica, ou seja, para beber, mas para a passagem dos indivíduos, seu meio de transporte, das canoas e barcos sobre as águas, sobre seus rituais ancestrais se utilizando deste recurso, as mais variadas espécies de peixes que eram pescados e consumidos.

Registraram-se também os ritos destas unidades familiares, desde a percepção de caminhos que são abertos na mata pelos grupos familiares para fazer suas roças, seguindo os passos, derrubada, fogo, coivara, cultivo, colheita até a chegada aos retiros (casas de farinha). Os seus rituais desde a saída de suas residências até a chegada da roça, e tudo que lá ocorreria, seus conhecimentos acerca do tempo (clima), e do tempo (próprio de cada cultivo). A autonomia do grupo étnico sobre as variedades cultivadas, sobre as caças da mata, e sua íntima relação com o que lhes constitui uma identidade quilombola. Hoje, entretanto, este território cercado por um cenário de grandes empreendimentos, tem modificado significativamente, cujos efeitos apontam para uma insuficiência e autonomia alimentar do grupo.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 1999.

AZEVEDO, Elaine de. **Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 19, no44, jan/abr 2017, pp. 276-307

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARIN, Rosa Elizabeth Azevedo (Org.). **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Quilombolas: reivindicações e judicialização dos conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2012.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.) **Projeto nova cartografia social da Amazônia Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2.^a ed, Manaus: pgsca–ufam, 2008.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (Org.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**[online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e Saúde collection. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CARVALHO, A. C. A.; NASCIMENTO, E. N.; NAHUM, J. S. **A expansão da dendeicultura na Amazônia paraense e suas mudanças no modo de vida das comunidades em Moju-PA**. Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. 10 a 16 de agosto de 2014, Vitoria/ES |ISBN: 978-85-98539-04-1.

CARVALHO, M. C.; LUZ, M. T. Simbolismo sobre “natural” na alimentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, pp. 147-154, 2011.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Jonh Cunha Camerford. (Trad.) Coleção Typographos.

DIEGUES, A. C (et al). **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil**. Disponível em: <<https://livroaberto.ibict.br>> Acesso em: 25 de Outubro de 2018.

HAESBAERT, Rogerio. **Território e Multiterritorialidade: Um embate**. Geographia, ano XV- Nº17- 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GEOGRAFIA em Movimento. A produção das estruturas territoriais e sua representação Claude Raffestin Disponível em: Indexado em GeoDados: <<http://www.geodados.uem.br>>

GOMES, Carla. **Adaptação e pobreza rural em África: o caso de Moçambique**. Disponível em: <<https://ambienteterritoriosociedade-ics.org>> acesso em:08 de novembro de 2017.

LIMA, L. A. P. **A roça como categoria de análise e de afirmação identitária:** Estudo da relação dinâmica de resistência e garantia do território em situações sociais referidas a quilombolas e indígenas. São Luis- MA. Dissertação(Mestrado) – Curso de Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2015.

LIMA, (et al). **Trocas, experimentações e preferências:** um estudo sobre a dinâmica da diversidade da mandioca no médio Solimões, Amazonas. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum, Belém, v. 7, n. 2, p. 371-396, maio-ago. 2012

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Disponível em: <[NETO, C. S. **Prática artesanal, identidade e cultura nas comunidades remanescentes de quilombo do Paraná.** HARPIA- Revista de divulgação científica e cultura do Isulpar. Vol.1-nº- Dezembro/2016 ISSN: 2179-4073.](https://book.sielo.org/>pdf>Mattos>. Acesso em: 29 de Outubro de 2018.</p>
</div>
<div data-bbox=)

O PROCESSAMENTO da mandioca, segundo Jules Crévaux 1883 Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú (Coleção Nicolai): <www.etnolinguistica.org>

OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. **Redes de manivas:** circulação de conhecimentos nas práticas indígenas de manejo agrícola na fronteira Brasil-Guiana. Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia 2017.

POSEY, D. A. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos? *In*: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A de C. C. (Org). **Espaços e recursos naturais de uso comum.** São Paulo: NAPAUB-USP, 2001. pp. 279-294.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. 368 p. tabs.

VARGAS, E. C. **Crisisclimatica y agricultura: outra** racionalidade para preservar la vida. Ver. Rupturas 3(1), San José, Ene-Jun 2003. ISSN 2215-2466 pp 88-111.

APÊNDICE

Questionário Aplicado

Nome:

Idade:

Quanto tempo reside na comunidade:

Quantos componentes em seu grupo familiar:

Seu sustento se da por meio:

1. Qual o tamanho da sua roça?
2. O que é cultivado? (arroz, milho, mandioca)
3. O senhor(a) sentiu alguma alteração na produtividade nos últimos anos?
4. O senhor (a) e sua família trocam mudas entre vizinhos, amigos ou familiares, e se sim o porquê?
5. Qual a maniva mais utilizada para cultivo de produção de farinha de mandioca para vender a alguns anos atrás e hoje?
6. O senhor(a) faz o uso de igarapé? Se sim, para que atividade? (tomar banho, lavar roupas, pesca, consumo, para auxiliar nas atividades da agricultura)
7. O senhor(a) percebe alguma modificação no tamanho, cor, do igarapé ao longo dos anos, se sim, a quanto tempo?
8. As roças estão produtivas nos últimos anos?
9. O senhor (a) percebe alguma mudança do solo, “quentura” ou até mesmo das manivas nos últimos anos?
10. Durante o passar dos anos houve alguma mudança sobre (tempo de plantar, colher, derrubar as roças) por chuvas, quenturas ou aparecimento de bichos?
11. Como se dá a produção, quantidade e qualidade?
12. Sua família já perdeu alguma roça?
13. O que fazem para que a produção possa suprir suas necessidades? Quais os cuidados todos os anos?
14. Quais as variedades mais cultivadas?
15. Existe alguma variedade que rende mais?
16. Qual tem maior qualidade e sabor?
17. Cada uma tem um tempo de específico de plantar e colher?
18. Seus pais e avós cultivavam quais variedades antes e hoje quais são?

19. Tem algum alimento ou receita de alguma comida que o senhor(a) comia quando criança?
20. Como era a alimentação da comunidade antes?
21. Quais os alimentos mais utilizados hoje e quais eram mais utilizados antes?
22. Quais alimentos presentes no território que você acha que são mais saudáveis?
23. Os alimentos que mais entram na comunidade são os industrializados os naturais?